

LITERATURA E HISTÓRIA: DOIS CAMPOS QUE SE ENTRECruzAM NA OBRA *DE OLHO NAS PENAS* DE ANA MARIA MACHADO

Data de aceite: 23/11/2023

Fátima Aparecida de Oliveira Sozza

(PLE-UEM) - Mestre em Letras pelo PLE-UEM – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá
<http://lattes.cnpq.br/6367345184257159>

Ronaldo Pereira Gonçalves

(UNESP) - Doutor em História com área de concentração em Relações Internacionais pela UNESP Campus de Assis
<http://lattes.cnpq.br/3079267086569611>

Ismael Iladin

(UNIOESTE) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus Cascavel. Graduação em Letras. Especialização em Língua, literatura e ensino. Mestrado em Letras em andamento.
<http://lattes.cnpq.br/1785254117162422>
<https://orcid.org/0009-0002-5293-7703>

literária a abordagem de qualquer assunto sem o menor receio de que o tema possa ser melindroso ou inadequado aos jovens leitores, colaborando para a formação leitora consciente. Sendo assim, é possível tratar a literatura juvenil contemporânea como um campo multidisciplinar ao abarcar temas fronteiriços com a história, sociologia, filosofia e outras áreas afins, como é o caso da obra *De olho nas penas* de Ana Maria Machado, que aborda a crise existencial de Miguel, personagem protagonista, de apenas oito anos de idade, como efeito do exílio imposto pelo regime militar no Brasil. Para tanto, destacamos os seguintes referenciais: Hutcheon (1991); Durand (2002); Pesavento (2008); Aguiar e Martha (2014); Lottermann (2014) e Chevalier & Gheerbrant (2020).

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Juvenil. Literatura e História. *De olho nas penas*.

RESUMO: Neste artigo, busca-se observar como são trabalhados certos elementos da ficção de forma que eles se entrecruzem com fatos históricos para mostrar a visão de quem viveu algumas iniquidades impostas por determinados contextos. Esses elementos possibilitam à obra

LITERATURE AND HISTORY: TWO FIELDS THAT INTERCROSS IN THE WORK: ``*DE OLHO NAS PENAS*`` BY ANA MARIA MACHADO

ABSTRACT: In this article, we tried to observe how certain elements of fiction are used, in order to intersect with historical facts

to present the vision of those people who experienced some inequities that were imposed by some contexts. These elements enhance a literary work to approach any subject without the slightest fear that the topic may be sensitive or inadequate for young readers, contributing to the development of a conscious reader. Thus, it is possible to treat contemporary youth literature as a multidisciplinary field by covering themes bordering on history, sociology, philosophy and other related areas, as is the case with the work: ``*De olho nas penas*`` by Ana Maria Machado, which addresses the existential crisis of Miguel, the protagonist character, just eight years old, as a result of the exile imposed by the military regime in Brazil. With this goal, we highlighted the references below: Hutcheon (1991); Durand (2002); Pesavento (2008); Aguiar and Martha (2014); Lottermann (2014) and Chevalier & Gheerbrant (2020).

KEYWORDS: Youth Literature. Literature and History. The work: ``*De olho nas penas*``

INTRODUÇÃO

Os anos de 1960 marcam penosamente o progresso brasileiro em certas áreas. Nesse período, o Brasil vê-se absorvido pelo regime militar e pelo golpe de 1964. Questões sociopolíticas impõem dificuldades à já precária vida cultural aqui existente. Foram dias longos e sombrios com violações de toda a sorte: exílio, violência à mulheres, jovens presos e torturados, escritores e artistas amordaçados pela lei da censura. Frente a realidades tão brutas, silenciamento de vozes opositoras ao regime, poucos jovens interessavam-se pela produção e pela leitura de obras literárias, buscando a luta armada como forma de dar vazão aos seus sonhos e ideais (AGUIAR E MARTHA, 2014).

Atualmente, as narrativas denominadas juvenis apresentam marcas formais e temáticas diversificadas, apropriadas à faixa etária de seus leitores e inerentes ao contexto sociocultural em que transitam autores e leitores, segundo Aguiar e Martha (2014). Apresenta linguagem questionadora, embora simples, técnicas mais complexas de narrar, ainda que o passado seja, quase sempre, buscado para dialogar com o presente. O simbólico, o imaginário, e o maravilhoso, são recursos utilizados para extrapolar o convencional. Em seu conteúdo temático, é frequente a associação com um campo interdisciplinar. Assim, a literatura juvenil contemporânea tem referendado um conjunto de elementos da ficção literária para escanear contextos, belezas e sutilezas da vida humana de forma um tanto ampla.

LITERATURA E HISTÓRIA NO OLHAR DA CONTEMPORANEIDADE

O escritor não cria nada a partir do nada. Não se faz literatura sem o contato com a sociedade, a cultura e a história. As representações do mundo social, de uma realidade, tanto objetiva quanto subjetiva, de um tempo e lugar, resultam do entrecruzamento de aspectos individuais e coletivos. De acordo com Candido (1985, p. 24), “a criatividade, a imaginação e a originalidade partem das condições reais do tempo e do lugar”, as quais, podem ser concretas ou não, ou seja, estão relacionadas à existência social. Para Davi

(2007, p. 12),

o literato insere-se na realidade sociocultural do tempo em que vive, do qual faz parte, com ela dialogando ao produzir sua representação, por meio de sua vivência, de seus interesses e projetos, mas não é simples refletor dos acontecimentos sociais; ele os transforma e combina, cria e devolve o produzido à sociedade.

Para Certeau (2010), o historiador é o sujeito conhecedor que se relaciona com o objeto a ser conhecido e reconhece suas limitações e envolvimento. É preciso considerar, por conseguinte, que não existe conhecimento que não seja socialmente adquirido. O ato gerador de conhecimento se funda num contexto bastante complexo, que se relaciona tanto com a linguagem como conhecimento, quanto com a memória e o pensamento.

Na segunda metade do século XIX, quando a História se tornou disciplina acadêmica, o emprego da palavra *fonte* estava fundamentado na ideia de que os documentos utilizados pelo historiador deveriam ser *oficiais*. Dentro desta perspectiva, os textos literários, bem como outras fontes artísticas, não eram considerados documentos fidedignos para comprovar a verdade histórica. Porém, surgiu na França, na década de 1920, um movimento de renovação historiográfica que pretendia ampliar o repertório das fontes históricas. Esforços foram investidos no sentido de construir uma história que fosse mais ampla, a qual incluiria todas as atividades humanas, abarcando outras áreas como a Literatura, a Linguística, a Sociologia, a Antropologia e a Psicologia.

Tal procedimento foi um impulso importante à interdisciplinaridade na disciplina da História.

Desta forma, destacam-se os movimentos historiográficos conhecidos como a *Nova História* e a *História Cultural*. Tais correntes inovaram o conceito de documento, promovendo revisões na forma da escrita da história. A principal característica na Nova História cultural é a sua dimensão dinâmica e diversa em que não recusa - ou quase não - nenhum assunto. Novas temáticas surgiram, como os estudos de crenças, rituais, memória, sensibilidades, lutas simbólicas, entre outros (PESAVENTO, 2008).

Falar em mudanças epistemológicas dentro dos movimentos da História Cultural, significa aproximar-se de um conceito central que rege a postura do historiador desse campo: a ideia de *representação*. De forma geral, a História Cultural atribui o estudo das formas de representação do mundo no seio de grupos humanos. Esta ideia é chave para a ampliação do diálogo entre diversas disciplinas, redimensionando as relações entre história e literatura. O conceito de representação já havia sido abordado no início do século XX, a partir dos estudos do sociólogo Émile Durkheim, para quem este conceito é entendido como a categoria de pensamento através da qual determinada sociedade constrói e expressa sua realidade (SANTOS, 2008). O conceito de *representação* se tornou vital para os estudos da cultura.

Segundo a historiadora Pesavento (2008, p. 13), “a representação dá a ver

– e remete a – uma ausência. Ela é em síntese, um ‘estar no lugar de’”. Por meio da representação a ação humana apresenta o mundo, pela linguagem, pelo discurso, pelo som, pelas imagens, pela encenação dos gestos. Do conceito de representação deriva o do imaginário, entendido como esse sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens constroem através da história para dar significado às coisas. Ainda segundo Pesavento (2008), o imaginário existe em função do real que o produz e do social que o legitima compondo-se de representações, e uma das formas possíveis de análise das representações é por meio da literatura.

Inclusa nesse grande contexto de transformações teóricas, onde se buscam novas formas de análise da realidade histórica, a aproximação entre História e Literatura amplia novos paradigmas interpretativos. Nesse sentido, os discursos literários, ao resgatarem temas históricos, operam seletivamente, assegurando um novo olhar sobre os fatos, reinterpretando-os. Consequentemente, a memória social criada a partir do discurso literário se constitui numa representação que se socializa e que tem um conteúdo pragmático e socializador e tanto a literatura quanto a história, portanto, contribuem para a construção de uma identidade social e individual. Ambas traduzem uma sensibilidade na apreensão da realidade e operam oferecendo leituras diversas. Nesta medida, as duas narrativas têm igualmente por efeito socializar os indivíduos, criando as condições simbólicas de coesão social (PESAVENTO, 2008, Pp. 13-18).

Ademais, Segundo Hutcheon (1991), na metaficção historiográfica, os eventos do passado histórico se entrelaçam com eventos ficcionais, permitindo uma polifonia no discurso narrativo, de maneira que os discursos das margens – da mulher, do negro, do índio, do colonizado, por exemplo, em geral vozes silenciadas nas narrativas históricas oficiais, se ressaltam e resultam na apresentação multifacetada dos fatos e acontecimentos históricos.

Ao privilegiar a herança multiétnica e multicultural e tecer narrativas transitando por “narrativas menores”, de pouca importância para a historiografia oficial, histórias de indivíduos e comunidades que viveram nos bastidores da história, a literatura se torna um registro e uma interpretação, do que existiu e do que existe, aponta a historicidade das experiências vivenciais que se dá a ver e a conhecer por intermédio de todo o seu aparato mental simbólico, meios como o imaginário e o maravilhoso, e regras de produção que lhes são próprios guardando modos peculiares da aproximação com o real, dialogando com a realidade a que refere de modos múltiplos e o processo histórico é assim retratado (HUTCHEON, 1991).

Partindo desses pressupostos, o objetivo deste artigo é analisar como a literatura juvenil se entrelaça com a história para nos contar a história de Miguel, pequeno garoto que narra sua experiência vivida no exílio compulsório pela ditadura do regime militar, na obra *De Olho nas Penas* (1985) de Ana Maria Machado.

DE OLHO NOS MEIOS QUE MOBILIZAM DIÁLOGOS

Se por um lado, a literatura juvenil gestou-se buscando pluralidade, por outro, referendou um conjunto de meios que permitem a ela tratar de temas espinhosos com seus leitores, que, não podendo ser expressos cruamente em linguagem verbal, ao serem representados simbolicamente, oferecem ao leitor possibilidades de viver experiências significantes. Trata-se aqui do simbólico, do imaginário e do maravilhoso. Tais aspectos oportunizam às produções literárias diálogos enriquecedores com a adolescência da contemporaneidade. As ideias de Eco (1994, Pp. 87-100) são oportunas ao aventar que o mundo ficcional se apoia no mundo real, tomando-o como pano de fundo para o leitor na tentativa de que ele seja capaz de reconhecê-lo durante a recepção da obra.

É o caso da obra aqui em questão, a narrativa *De olho nas penas* de Ana Maria Machado, a qual trata com delicadeza a temática do exílio imposto pelo regime e governos militares estabelecidos no Brasil entre os anos de 1964 a 1984, sobretudo, as consequências e as crises existenciais que se fizeram herança na memória e na consciência de quem o viveu. A narrativa é tecida pelas palavras de Miguel, narrador-personagem de apenas oito anos. Junto de seus pais, ele é obrigado a mudar constantemente de país, passando sua infância em vários lugares. Assim, o menino vive seus conflitos existenciais, se sentindo deslocado e sem pertencimento pátrio buscando elaborar e compreender suas origens, seu curto passado.

Como “gatinhos que nascem em fornos, mas nem por isso vira biscoitos”, ou seja, a máxima que abre a primeira parte do livro e fica clara no final da história, cabe bem aos poucos anos de vida vividos ainda por Miguel. Uma vez que ele nasceu no Chile, ocasião em que sua família estava exilada neste país. Após seu nascimento, sua família teve que ir para a França e depois para outros países; aos oito anos de idade Miguel já vivera em cinco países, nesse tempo conturbado ganhara também outro pai.

Miguel era uma criança questionadora, mas se lembrava, vagamente, de algumas passagens da sua infância. O medo residia em seu corpo quando se lembrava do Chile. Dos outros países, lembrava-se apenas da França, pois foi o lugar em que ele iniciou seus estudos e também fez alguns amigos. Ele não compreendia porque sua vida era assim, quando perguntavam a ele sobre sua identidade tinha alguns macetes engendrados de cor para fazer a conversa mudar de rumo:

- Afinal, Miguel, de que país você é?
- Do Brasil e do Chile.
- Dos dois? De onde são os seus papéis?
- Papéis? Que papéis? Meus cadernos? Meus desenhos? [...]
- Não, Miguel, seus documentos. Certidão, passaporte, essas coisas. Ele não sabia. Perguntou à mãe.
- **São da França.**
- **Da França, mãe? Então sou francês?**
- Meu filho, não dá para explicar direito, mas vamos ver. [...] (MACHADO, 1985,

A dificuldade de compreender sua origem, seu lugar no mundo, é uma marca constante na vida de Miguel. Enquanto cidadão, não se sentia representado em sua identidade. O mundo ficcional usa de elementos que permitem às representações e às analogias tornarem possível o tratamento dos diversos temas. Desse modo, vale salientar o papel da literatura ligado a questões de identidade e formação do sujeito. Assim como pensa Candido (1985), a literatura está ligada ao homem e seus processos de evolução por meio do universo simbólico. Ou seja, o simbólico além de expressar ricos conteúdos associados à palavras e à imagens, tem a capacidade terapêutica de integrar aspectos até mesmo conflitantes, mobilizando energias internas que possibilitam vivências autênticas e transformadores, enchendo a vida de significado. Assim, também, são as palavras de outros estudiosos sobre a questão:

Unificador, o símbolo exerce conseqüentemente, uma função pedagógica e mesmo terapêutica. Verifica-se, portanto, que o símbolo se inscreve no movimento evolutivo completo do homem, e não apenas enriquece seus conhecimentos e sensibiliza seu senso estético. É como se exercesse uma função transformadora de energia psíquica. O símbolo não apenas exprime as profundezas do ego, as quais dão forma e figura, mas também estimula a carga afetiva de suas imagens, o desenvolvimento dos processos psíquicos (CHEVALIER & GHEEBRANT, 2020, Pp. 21-31).

Para Santos (2008), o homem é compreendido como um agente simbólico, uma vez que todas as suas atividades podem ser definidas como criações de símbolos. Mitos, linguagem, arte e história são modalidades de simbolização que constrói sua cultura e a modaliza por meio da memória simbólica na qual ele não só repete suas experiências passadas, mas também a reconstrói, como se vê nas experiências de Miguel em *De olho nas penas*.

Tudo inicia quando ele foi passar uma noite na casa da avó e começou a pensar sobre as perguntas que lhe eram feitas, cujas respostas ele não sabia e também não conseguia pensar muito por causa do mau tempo, com trovoadas e relâmpagos. Nesse ponto, inicia-se a verdadeira viagem imaginária, sortida das mais surpreendentes imagens e descobertas:

E o vento que soprava forte, assoviando feito uma canção. Era uma coisa um pouco assustadora, mas muito bonita, dentro da luz forte que piscava de vez em quando, um barulho como se fosse uma música muito alta, com um tamborzão batendo e uma porção de flautas tocando ao mesmo tempo (MACHADO, 1985, p. 16).

Nesse trecho, pode-se observar a questão da personificação de diversos elementos, entre os quais, o vento, que está ligado à grande tempestade interior vivida por Miguel. Analisando simbolicamente, o vento é formado pelo ar que é um símbolo impulsor, isto é, aquele que empurra para o crescimento, para a subida, para as descobertas e o

amadurecimento (CHEVALIER & GHEEBRANT, 2020, Pp. 2021-2022). No caso de Miguel, o vento é o elemento que o carregará, de um mundo cheio de dúvidas, incertezas e de instabilidade, para a busca de respostas, para conhecer aquilo que desconhece, para a mudança. Seguindo o texto, nesse momento Miguel abre a vidraça e se põe a dialogar com o vento: imaginando uma porção de coisas, parecia que o vento tocava uma flauta musical chamando cabras, ovelhas ou lhamas.

Às vezes parecia que a música vinha de longe, das montanhas ele, então, imaginou um menino com um gorro vermelho, imaginou que aprendera a assoviar para fora, coisa que ainda não conseguia. Levantou-se, foi até a janela, na intenção de ver tudo melhor, então uma coisa muito grande apareceu, parecia um pássaro, um condor, talvez, que voasse bem para o alto daquelas montanhas. Ou seria o vento ou o seu pai de verdade, o Carlos, mudando de cara e de jeito, para não ser reconhecido e despistar os militares do Regime, como sempre fazia quando vinha visitá-lo, mas sempre protetor (MACHADO, 1985, p. 17).

Aquela coisa tomou-o em seu colo macio. Estava muito escuro e Miguel foi fechando os olhos e aproveitou o chamego gostoso daquele colo que só podia estar levando-o para um lugar muito bom, como um anjo. O que nos faz inferir que ele entra em um sono profundo e no sonho ele encontra as respostas que busca, as quais não são dadas por ninguém, mas descobertas por ele mesmo, durante essa viagem. Tem-se aqui, um conjunto de imagens que são elaboradas pelo narrador enquanto ele busca seu processo de autoconhecimento.

Duran (2002) revela que, em linhas gerais, a imaginação é a ação criadora, ultrapassa o real, é conteúdo do inconsciente. É o local onde nascem as ideias, relacionam-se às representações coletivas. O autor destaca o imaginário como uma “[...] corrente de pensamento que marca ‘a grande virada’ de civilização que vivemos desde há um quarto de século” (DURAND, 2002, p. 9).

Ao salientar que o imaginário é “[...] o conjunto de imagens que constitui o capital pensado do homo sapiens [...]” (DURAND, 2002, p. 18) dá a entender que o ser humano é também resultado das imagens e das criações de seu pensamento. A imagem visual conecta com outras imagens presentes na memória que cada ser traz consigo, e que abarca o visto, o sabido, o lido, o adquirido, o ouvido, tal qual as imagens apresentadas por Miguel. Esse conjunto imaginário “de representação do mundo varia em extensão e qualidade de acordo com os referenciais de tempo e espaço, importando em experiência de vida, formação profissional, universo cultural, geração de territorialidade, etc.” (PESAVENTO, 2008, p.106)

No tocante à imagem mental ela é dotada de propriedades semânticas: nós pensamos coisas enquanto vemos, e lhes atribuímos valor e significado; categorizamos o que vemos e lhe atribuímos sentidos correlacionados com aquilo que é visto, e que está presente, com o plano das imagens ausentes, mas lembradas e evocadas pelo pensamento. A imagem mental decorrente desse processo, e que toma o lugar a partir do registro visual, tem a função de atribuir valor e significado àquilo que se observa dando margem à ocorrência do que se poderia chamar de percepção do mundo em imagens. É claro que as duas

propriedades da imagem, a física e a semântica, que correspondem às imagens visuais e as mentais, são imediatas e indissociáveis (DURAND, 2002).

Já no campo da literatura, neste caso, da literatura juvenil, o imaginário como processo de representação “[...] deve ser compreendido à luz de uma concepção de imaginário que olha as imagens como metáforas, símbolos e mitos enquanto modelos valorativos do pensamento e da práxis do homem” (WUNENBURGER; ARAUJO, 2006, p. 12). Assim, o conceito de representação e imaginário, bem como, memória e imaginação podem ser relacionadas como processos interligados intrinsecamente.

Outro recurso amplamente utilizado pela literatura juvenil é a recorrência ao “maravilhoso”, pois ele permite recuperar a fantasia, característica própria da literatura. Nesse sentido, lembra Colomer (apud LOTTERMANN, 2014, p. 39): “a fantasia é também um instrumento privilegiado, tanto para resolver os conflitos psicológicos dos personagens, quanto para a denúncia das formas de vida da sociedade pós-industrial”; como pode ser visto em *de olho nas penas*. Depois de Miguel se deixar ser levado pela janela do quarto da casa da avó onde dormia, ele inicia uma viagem em terras diferentes “Na terra das montanhas” (p. 19), “Na terra dos rios” (p. 33) e “Na terra das savanas” (p. 45).

Tal viagem é proporcionada pelo vento e por um Amigo que assume outras imagens ao longo do caminho. A primeira viagem foi “Na terra das montanhas”, um lugar de céu azul e bastante ensolarado, junto dele havia um vulto brilhante, que se chamava Amigo. Esse amigo era, na verdade, um guerreiro de pele cor de cobre, com características de um guerreiro inca tinha brincos enormes pendurados nas orelhas, tinha uma narigueira de ouro, e todo o seu corpo também brilhava. Penduradas no pescoço, cobrindo o coração, placas de ouro formavam um peitoral.

E o ouro continuava em braceletes, pulseiras, tornozeleiras. O amigo parecia mesmo um sol humano (MACHADO, 1985, p. 20). Nesse trecho as características da personagem “Amigo” remontam às características dos povos andinos e sua história. Por conta de algumas peculiaridades desse amigo que ora virava gente, ora virava pássaro, assobio de flauta, colo de anjo, povo antigo e virava amigo de novo, parecendo o Pai Carlos quando o vinha visitar, Miguel o chamou de Quivira, e se pôs a perguntar uma porção de coisas ao amigo que o foi conduzindo para obter suas próprias respostas sobre os segredos da terra, do fogo, da água e do ar. Todos os eventos se passam sob a rubrica do maravilhoso. Sobre esse gênero, Roas (2014), considera que,

O mundo maravilhoso é um lugar [...] que nele tudo é possível – encantamentos, milagres, metamorfoses – sem que os personagens da história questionem sua existência, o que permite supor que algo seja normal, natural. Cada gênero tem sua verossimilhança: colocado como normal, “real”, dentro dos parâmetros físicos desse espaço maravilhoso, aceitamos tudo aquilo que acontece ali sem questioná-lo. Quando o sobrenatural se converte em natural, o fantástico dá lugar ao maravilhoso (ROAS, 2014, p. 34).

Dessa forma, a fantasia contemporânea supõe novas formas de criação de

imaginários incorporadas à ficção a partir de diversos caminhos dentro do maravilhoso. Já na “Terra dos Rios” (p. 35) o menino gritou pelo Amigo, que voou para o meio das árvores e dali surgiu um homem alto, cor de cobre, enfeitado com penas e com o corpo pintado, o que relembra a história dos povos indígenas e mais uma vez, a imagem das penas, como aparece no título da obra, é evidenciada:

– Não tenho certeza. Acho que você é tudo junto, o Amigo vestido de sol e de ouro, de lã e de pena. E acho também que você é Ave de olho nas penas.

– Isso mesmo – concordou o Amigo. – Sempre de olho nas penas do mundo.

– Nas penas do mundo? Repetiu Miguel, de novo sem entender muito bem. Às vezes o Amigo ficava muito misterioso mesmo. – E o mundo tem penas?

– Quem não tem?

Aí é que de repente Miguel entendeu e achou graça:

– Ah, sim, você está falando de outros tipos de pena... De gente que está pensando, sofrendo, triste, chateada (MACHADO, 1985, p. 36).

Por meio da explicação sobre a palavra pena somos levados a atentar para o fato de que Miguel começou a desvendar alguns segredos e a compreender a ambivalência das penas, sejam elas como símbolos ascensionais (CHEVALIER & GHEEBRANT, 2020, p. 781), sejam como símbolos de representação dos sofrimentos da vida. O menino, que até pouco tempo atrás não entendia o porquê de tantos acontecimentos que faziam parte da sua vida, começou a entender as inter-relações entre os povos e as culturas e a perceber que, independentemente de onde moram, as pessoas são irmãs, por mais diferentes que sejam, e por mais distintos que sejam os seus objetivos.

A terceira viagem de Miguel é para a “terra das savanas” (p. 45), do outro lado do mar. Era a África, quem sabe, talvez, Moçambique, um dos países onde ele viveu. Um lugar cheio de animais. Foi aí que ele conheceu Ananse (aranha), ela era como uma intercessora dos deuses e guardava em sua teia muitas outras histórias que auxiliaram o menino a resolver o seu “quebra-cabeça” pessoal com muitos países e povos e isso o alegrou, pois entendeu como se deu a origem de diversos povos e lugares e se situou no tempo e no espaço. Segundo Lottermann (2013, p. 78), “fazendo uso de recursos do universo maravilhoso, a narrativa abre uma janela para a realidade, levando o leitor a refletir sobre eventos do passado remoto e recente, num contínuo processo de formação”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tal como Ananse, que guardava em sua teia histórias do mundo inteiro, Ana Maria Machado tece, com suas narrativas “uma teia bonita e resistente que aguenta todo peso do povo de uma aldeia, de uma nação, de uma terra” (MACHADO, 1985, p. 48). Sua recorrente preocupação em buscar nas raízes culturais brasileiras a matéria de sua ficção confere o tom da formação sábia, ao mesmo tempo em que temos a sensação de que a história

fala de nós mesmo (e fala!). Suas palavras, suas redes e suas teias dão a fertilidade para plantar o amadurecimento pessoal e cultural, enquanto o leitor juvenil ou não, se deleita nas metáforas, fantasias e no maravilhoso de sua tessitura.

Ouvindo ainda o som da “flauta fabricada pelo vento”, Miguel pergunta ao Amigo quem está tocando e ele responde que é um pastor de lembranças e finaliza dizendo: “**Vamos, agora respire fundo, feche os olhos e vamos lembrar**” (MACHADO, 1985, p. 26, grifos nossos). Nesse convite do Amigo está patente que outro caminho em que, seguramente, a literatura se entrecruza com a história é o campo da memória. Cada indivíduo traz em si o acúmulo das vivências de seus antepassados, de modo que, ao construir a própria história, também constrói a história de um grupo e uma continuidade. Nesse sentido, Miguel não está isolado em seu tempo, visto que é sujeito de um único e progressivo processo histórico e ao olhar para sua história, olha para as coisas do mundo, ou seja, para a coletividade.

Finalizando as considerações sobre literatura e história, vale lembrar, também, outras palavras de Quivira diante do questionamento de Miguel, sobre as razões por que não poderia intervir nos acontecimentos que vivenciara: “Porque são coisas que já aconteceram há muito tempo, e ninguém pode mudar o que passou. A gente só pode é ver com atenção, para ficar sabendo” (MACHADO, 1985, p. 26). Essa forma relativamente simples, modalizada e mágica de comunicar ao leitor produz um efeito de leitura e releitura de si mesmo e do histórico que permite desvendar uma determinada realidade por intermédio do entrecruzamento de meios e dados.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, VERA. TERIXEIRA. de. A literatura infantil e juvenil em pluralidade de enfoques. In: AGUIAR, V. T. de; MARTHA, A. A. P. (Org.). **Literatura infantil e juvenil**: leituras plurais. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. São Paulo: Nacional, 1985.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alan. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2020.

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário**: narrativa infantil e juvenil atual. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

DAVI, Tânia Nunes. **Subterrâneos do autoritarismo em Memórias do Cárcere** (de Graciliano Ramos e de Nelson Perreira dos santos). Uberlândia: EDUFU, 2007.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução arquetipologia geral. São Paulo; Martins Fontes, 2002.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

HUTCHEON, Linda. **Poéticas do pós-modernismo**: história, teoria e ficção. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LOTTERMANN, Clarice. Com sua voz de mulher, Marina Colasanti cria um tigre de papel. In: AGUIAR, V. T. de; MARTHA, A. A. P. (Org.). **Literatura infantil e juvenil**: leituras plurais. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

PESAVENTO, Sandra Jathay; SANTOS, Nádía Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza (orgs.). **Narrativa, imagens e práticas sociais**: percursos em história cultural. Porto Alegre: Asterisco, 2008.

_____. **Raul da ferrugem azul e de Olho nas penas**: o insólito como denúncia. Revista Trama – Volume 9 – Número 17 – 1.º Semestre de 2013 – p. 67-80. In: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/8205>. Acesso em 22 de nov 2020.

MACHADO, Ana Maria. **De olho nas penas**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1985.

ROAS, David. **A ameaça do fantástico**: aproximações teóricas. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

SANTOS, Nádía Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza (orgs.). **Narrativa, imagens e práticas sociais**. Porto Alegre: Asterisco, 2008.

WUNEBURGER, Jean-Jacques; ARAÚJO, Alberto Filipe. **Educação e imaginário**: introdução a uma filosofia do imaginário educacional. São Paulo; Cortez, 2006.